

Os cinemas não morrem. Eles viram lembranças

Moacyr Scliar

Os velhos cinemas não morrem, transformam-se — em quê? Em novos cinemas, menores, mais simples; em lojas, ou depósitos; em lembranças.

Em lembranças. Cinema é algo que está inevitavelmente associado à infância, à juventude. Duvido que alguém não tenha saudosas lembranças associadas a cinema. Evoco aqui algumas, ao acaso.

Em minha infância (uma época que não é tão pré-histórica assim) os cinemas de Porto Alegre dividiam-se em dois grupos: os do Centro e os de bairro. Na verdade, até hoje é assim, mas os característicos mudaram um pouco, como mudaram os característicos da cidade. O Centro era um lugar chique, de lojas sofisticadas, restaurantes finos; ao Centro só se ia enfatiado, ou de carro de praça, ou de bonde. No Centro ficavam as suntuosas casas de espetáculo, a começar pelo Theatro São Pedro, recentemente restaurado. Os cinemas eram majestosos, para dizer o mínimo: o Vera Cruz, o Roxy, o Rex, o Central. Um dos grandes acontecimentos da cidade foi a inauguração do Cine Cacique, no qual, antes de cada sessão, um pianista executava páginas inspiradas que arrancavam aplausos das famílias classe-média porto-alegrenses. Para essa classe média, o hábito de cinema estava tão arraigado que o cinema era um ponto de encontro; e, no caso do Cine Imperial, local de convivência para os irrequeitos adolescentes de então. Muitos romances — hoje lembrados com terna nostalgia ou com desgosto — começaram com matinês do Imperial. Rock Hudson era então um jovem galã e Doris Day a cantora que começava a despontar; na platéia, adolescentes trocavam olhares ardentes ou mesmo bilhetinhos comprometedores. Levar uma gurria ao Imperial já era um passo para o matrimônio; e segurar a mão dela — uma operação complicadíssima, em que os dedos se aproximavam do objetivo milímetro a milímetro — era a culminância de uma grande paixão. Por isso, menina que se prezasse não ia ao Imperial sem a companhia da vigilante mamãe, de uma tia, ou pelo menos da irmã mais velha. Tempos da brilhantina.

Os cinemas de bairro eram, claro, cinemas populares. Seu grande dia era o domingo, e mais especificamente o domingo à tarde: a matinê (se o meu francês me ajuda, matinê deveria ser de manhã; mas era à tarde. As coisas demoravam mais a chegar à província). Sessões duplas, ou triplas; ou então preenchidas com um seriado completo. Ah, o seriado completo. Era a maior fonte de emoção para a garotada, muito maior que os programas radiofônicos de então. O seriado nos mantinha uma tarde

inteira em *suspense*; e continha um elemento de agonizante tortura: cada parte iniciava com um retrospecto da anterior (porque os episódios, evidentemente, eram para serem exibidos em vários dias; completo, o seriado só era nos cinemas de bairro, onde os restaurantes, aliás, também serviam o prato conhecido como “completo”, portentosa mistura de todas as variedades possíveis de comida).

A sessão começava às duas; mas pouco depois do meio-dia extensas filas já se formavam às portas do Ypiranga, do Avenida, do Apolo, do Castelo (curiosa essa tendência que os cinemas sempre tiveram, de adotar nomes pomposos), o Garibaldi. Este, aliás, era conhecido, por óbvias razões, como *Garipulga*. Um trote da época consistia em anunciar a alguém que o Garibaldi pagava uma elevada quantia por pulga que lá fosse encontrada. Não faltava um afobadinho que dissesse: ah, mas então vou levar uma pulga de casa. A resposta vinha rápida:

— Só que as pulgas do Garibaldi são carimbadas.

Tão logo as portas se abriam, invadíamos o cinema — em bando, porque só se ia ao cinema em bando — e procurávamos os lugares de cima, os mais disputados, pela possibilidade de atirar objetos variados nos espectadores de baixo. Mascávamos chiclete, líamos gibi, batíamos os pés, impacientes, até que a luz se apagava e o Grande Espetáculo começava. *As Aventuras de Flash Gordon!* *Os Perigos de Nyoka!* *A Marca do Zorro!* Era um delírio.

O bairro em que eu morava, o Bom Fim, tinha dois cinemas: o Baltimore (que foi reformado) e o Rio Branco (demolido). Como sua clientela era, em grande parte, de gente da comunidade judaica, volta e meia passavam filmes em iídiche, trazidos pelo único empresário artístico da coletividade — Jacob Dvoskin. Multidões se comprimiam ali para chorar copiosamente assistindo *A Brivele fun Mame (Uma Carta da Mamãe)*. Não me lembro qual era o assunto, mas mãe judia sempre é fonte de lágrimas.

O pessoal gostava tanto que ficava para a segunda sessão, para o desespero do *seu* Dvoskin; é que naquela época o dinheiro era curto e as oportunidades para uma boa chorradeira, raras.

Cinema, infância. A infância passa, o cinema não é o mesmo. Mas quando a gente evoca a infância é como se estivesse vendo um filme muito antigo, preto e branco, numa cópia muito maltratada, cheia de riscos e churros — mas é a nossa vida. O cinema é a nossa vida.